Pola:ger:e

a Monarquia

pola:grer

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO:—«MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão—Rua de Stabella, 134

Editor—João R. Santos

Telefone n.º 1033

O Feminismo na Justiça

Os jornais de ontem resumiam em poucas linhas as disposições de um novo decreto pela pasta da justiça, segundo o qual as mulheres podem vestir a toga de advogado, exercer os cargos de ajudantes de secretaria (?), conservadores do registo predial, oficiais do registo civil, chefes de posto, votar nas eleições para o juri comercial, entrar na burocracia, etc.

Ignoravamos inteiramente que o sr. dr. Alberto Osorio de Castro se tivesse feito substituir, durante alguns dias, na gerencia da sua pasta por qualquer das cidadãs que andam na *Liga republicana das mulheres portuguesas*.

Dessa suposição nos socorremos para não sermos tão severos no julgamento de uma medida que para sempre compromete os proclamados propositos conservadores do senhor secretario da Justiça.

Pode S. Ex.ª acreditar na grande surpreza e mais ainda no invencivel constrangimento com que assistimos a derrocada de uma ilusão que a respeito da sua mentalidade haviamos criado. Confessemos o nosso erro.

Ainda ha pouco, nestas mesmas colunas, foi tributado o louvor que nos mereciam os seus planos de reorganisação da familia, ligando-a á terra, para que a familia mais facilmente se ligasse o patrimonio comum das lembranças, dos sentimentos e das aspirações. O projecto do casal de familia que o dr. Xavier Cordeiro elaborou a solicitação de S. Ex.ª, era mais do que uma providencia economica: traduzia o bom começo de uma grande reforma moral.

Aproximar agora estes dois factos, equivale a reconhecer no espirito do sr. secretario da Justiça uma cerrada confusão de ideias, traduzida na mais lamentavel das contradições. A coesão familiar procurada por um lado, a dispersão familiar realizada por outro. Não seria para admirar que um seu sucessor, para lhe inutilizar os planos, decidisse fazer exactamente o contrario do que S. Ex.ª profectou, no permanente ziguezague em que se move a administração publica.

Mas acumular os dois trabalhos, já nos parece esforço superior ao commum dos homens, quando tratamos de acomodar duas ordens de causas na mesma inteligencia ou no mesmo bom senso.

Dito isto que apenas precisa enunciado para ser comprehendido, parece-nos que não é a melhor attitude a que a este proposito tem tomado a imprensa chamada conservadora.

De facto, estamos em presença de um caso que merece mais alguma atenção do que a de um simples motivo para larachas de café.

A atribuição de tão importantes funções a mulheres e a mulheres portuguesas ou se dá por um sentimentalismo leviano ou em virtude de tendencias mentais que visam a estabelecer a igualdade dos sexos, o que nos parece conduzir a um conflito desnecessario entre os decretos da natureza e os do senhor secretario da justiça...

Muito radicais eram o sr. Afonso Costa e os mandatarios que na cadeira da justiça docilmente o substituiam, e nunca foi possivel arrancar-lhes um diploma tão *liberal*, tão ingenuamente humanitario e ao mesmo tempo tão ofensivo da disciplina social e até da dignidade do sexo fragil.

Todas as garantias reclamadas e concedidas ás mulheres não passam de outros tantos meios de as afastar da sua natural esfera de acção que se resume, para a maior parte das mais prestaveis filhas de Eva, no governo da casa e na primeira direcção dos que nela veem á luz.

Já assim o proclamava uma sentença da sabedoria grega, ha vinte e quatro seculos, quando na palavra de Esquilo se ensinava que a honra de uma mulher é governar em paz a sua casa...

E nenhuma distancia deve separar os destinos, quando permanece identica a constituição fisiologica e entre as maravilhas da sciencia não se conta ainda a da producção de meninos quimicos.

Ninguem deve obstar a que a mulher se instrua desde que se tenha em vista a sua função subalterna junto do homem, que é a mais forte, a mais dextra e a mais inteligente das duas metades do genero humano.

O homem é o chefe e o senhor: a ele pertence a protecção e defesa do grupo familiar, a ele o primado da autoridade sobre a mulher e os filhos.

Estas são as verdades, vivas como a propria realidade, que não pode desconhecer um legislador, quando alguma vez já se revelou isento de preconceitos individualistas e democraticos e portanto contrarios ao interesse social.

Por outro lado, conferir á mulher o exercicio de determinadas funções de autoridade, como sejam as de conservadores, funcionarios, é destituir as magistraturas da sua nobreza para as transformar em jogos de paciencia ou de galantaria, quando menos.

A logica do Sr. Secretario da Justiça deve conduzi-lo a mais amplas concessões, no que pode socorrer-se da reconhecida gentileza dos seus colegas do gabinete, conseguindo por exemplo, que as mulheres sejam oficiais do exercito e da armada, policias, juizas de direito, engenheiras de maquinas, ministras e até presidentas da Republica, numa constituição bem feita.

Só nos restaria reclamar outro Aristofanes para a nova *Assembleia das Mulheres*.

Entre tantas belas coisas que neste país morreram, temos de chorar tambem a morte do espirito. Se houvesse dois lapis tocados de graça, não se salvaria o sr. Secretario da Justiça nem o seu gentil decreto que ficaria tendo o merito de abrir tantas bocas tristes na mais ampla e vingadora gargalhada.

Não entra nestas ligeiras anotações o intuito de ensinar ao Sr. Dr. Osorio de Castro até que ponto devem ser consentidas por nós, homens, as ambições das mulheres no sentido do que elas chamam a sua *emancipação*.

S. Ex.ª tem o dever de conhecer esses limites e o dever, maior ainda, de não se tornar cumplice de um equivoco, nascido e criado em escolas de baixa filosofia onde cremos não procura inspiração. Por isso, em vez de aumentar o proletariado das *secretarias* e a vadiagem intelectual que já nos homens é um flagelo, seria preferivel que usasse da sua influencia para proporcionar meios de atrair as mulheres a profissões de caracter domestico, ou subsidiarias da maternidade, para que aprendessem a ganhar a vida util mente pelo exercicio das variadissimas industrias femininas, promovendo, por exemplo, a criação de escolas do tipo das *Ecoles Ménagères* de onde saissem donas de casa prendadas, doutoradas em... [illegible] assim conseguiriam vêr mantido o respeito pela fraqueza e a dignidade do seu sexo ou seja a conservação do seu dominio de encanto que vai sendo sacrificado atrozmente a muito mal entendidas ambições...

O Sr. Secretario da Justiça virá ter a recompensá-lo do seu grande erro um cortejo de mulheres em parada de aplauso, para o meio das quais alguem poderia ter a tentação de lançar alguns pacotes de laminas *Gillette*, mas o seu decreto feminista ha de ficar sendo um depoimento triste da sua inteligencia e do seu bom senso.

Hipolito Raposo.

O ditador das subsistencias

A mocidade é bem outra e já a mocidade fez sentir numa sociedade gasta e sem ideal a energia do seu pulso firme, a que não falta uma direção na vida.

Nosso adversario nas modalidades, nós podemos quasi chamar correligionario a Jorge Botelho Moniz, pela sua admiravel fé nacionalista, pelo seu amor por tudo quanto seja o prestigio da autoridade. Saudemos n'ele,—no decidido e forte ditador das Subsistencias, um Portugal novo que desperta!

Enche-nos de entusiasmo e de alegria êsse extraordinario rapaz, que nos já agora acreditamos nascido para maiores destinos.

E' assim numa hora de anarquia e de infame especulação que, de frente, sem hesitações, a intervenção radical do Estado se legitima!

Sofrem-se as consequencias do liberalismo economico,—a guerra contemporanea veiu revelar o cancro repelente duma sociedade que se diz civilisada e entôa a toda a hora a aria hipocrita do humanitarismo, O oiro estonteia. E bem pior que o negocio réles da escravidão, enriquece-se com a fome, leilôa-se o sangue dos que morrem lá longe, às vezes por detrás duma bandeira incentiroa de partido.

Nós sentimos-lhe como poucos as consequencias. Julgou-se a lei suficiente. Nunca os escambarcadores medraram tanto como á sombra dela!

Vão já sumidos os tempos em que, magistrados queridos e eleitos do povo, os *aimotacés* resolviam com eficacia o problema que tão de perto nos oprime no presente. Em nome duma falsa liberdade a instituição extinguiu-se e ninguem cuidou mais de ressuscitá-la, acomodada ás necessidades modernas. Aí estão os resultados bem á mostra. Mas ainda bem que houve arrojo e deliberação. E' uma solução *monarquica* a do ulteres Botelho Moniz. Bem pouco se prova quanto vale o *poder-pessoal* em toda a sua responsabilidade e em toda a sua iniciativa. Que o país abra os olhos e aprenda!

Politica religiosa

O nosso prezado colega *Ecos de Penalva* transcrevia no seu ultimo numero o artigo publicado na *Monarquia*,—*Monsenhor Ragonesi*,pelo nosso redactor principal. Acompanhavam essa transcrição, que reconhecidamente agradecemos, algumas palavras da mais penhorante amabilidade, das quaes pedimos licença para arquivar aqui as que mais nos interessam no actual momento. São as que seguem :

«Antonio Sardinha, ao escrever aquele artigo, que é verdadeiramente magistral, pensava certamente no boato estupidamente absurdo que por aí correu e que muitos tendenciosamente fingirem acreditar, de que la formar-se em Portugal um partido republicano catolico.

«Os catolicos não pensam em adesivar, —continua, e muito bem o nosso estimado colega—, querem organisar-se para luctarem com vantagem hoje dentro da republica contra o espirito maçonico que pretende subjugar-nos violando os nossos direitos e as nossas liberdades, e amanhã dentro da Monarquia, não contra a Monarquia, mas contra o mesmo espirito maçonico que por ventura nela pretenda dominar.»

A doutrina exacta é realmente esta. Não se exige aos catolicos, ainda aos que esquecem a sua qualidade de portuguêses, uma *politica de regime*, mas, em nome do que lhesensina a Igreja, exige-se-lhes pelo menos uma *politica contra-revolucionaria*. Fazem-na por ventura os deputados do partido do senhor Torres? As noticias aparecidas nos jornais, de que vão ter representação na mesa do Parlamento, «por não fazerem questão de regime», obrigam-nos a concluir que pactuaram com a republica. Outra coisa se não deduz de quanto para aí se escreve a tal respeito e que por enquanto não sofreu desmentido - suficientemente vigoroso. De modo que as reflexões dos *Ecos de Penalva* que nós perfilhamos e aplaudimos acham-se postas de parte pelos representantes do *Centro* no Parlamento. O que pensará a tal respeito o nosso presado colega?

A NOSSA POLITICA

Ha muito que vários amigos nossos, vendo as referencias que, por vezes, aqui temos feito ao Integralismo, nos vem perguntando o que pensamos a tal respeito; e tanto que, ainda hontem, ao cair da tarde, um dos mais ilustres professores da Universidade do Porto nos destechou a pergunta: «em que relações está V. com os Integralistas?

Ahi vae a resposta: «nas melhores».

O Integralismo tem para nós dois grandes merecimentos: o primeiro é ser a UNICA ESCOLA de monarquicos que ha em Portugal, o segundo é ser constituido por novos, cheios de talento e sem responsabilidades nos erros do Passado. Todo o integralista sabe que o é e porque o é, o que equivale a dizer que aquele nucleo é uma elite de pessoas que estudam e observam os fenmenos sociaes, para depois estarem prontas a qualquer coisa que em prol para a Nação Portuguesa. Tem sem duvida os exageros proprios de todas as escolas novas; mas, no fundo, a sua reivindicação de regresso ás instituições nacionaes, dentro das quaes Portugal foi grande, entre os grandes povos é A UNICA a que pode aspirar uma portuguesa. O integralista não somos nós por filiação partidaria; mas o que é certo é que ideas integralistas as tem encontrado o representante de El-Rei em Portugal, e o Comandante, em livros bem recentemente publicados. Integralistas são todos aquelles, de qualquer que como nós, pretendem e querem uma classe dirigente formada pelas elites intelectuaes de todas as classes e que na direcção do Pais coloque apenas o seu valor mental e não as baixas paixões que tudo corrompem e envenenam.

Parlamento? Talvez, sim, para comprazer; para não fazer um regresso subito a uma formula perfeita visto que natura non fecit saltus; mas um parlamento em que estejam os representantes de todas as classes devidamente organizadas, e não, que seja constituido por individuos que uma qualquer comissão politica espalhe pelo Pais e imponha ao sufragio dos eleitores, sem ao menos atender ao criterio regional.

Queremos, emfim, um sel cercado de prestigio e de força, que não tenha de andar a mendigar o favor dos seus vassalos!

Dentro da Monarquia nova que pretendemos, não mais será possivel repetir-se aquela situação do Poder Real bem revelada nas cartas encontradas pelos revolucionarios de 5 de outubro num copador do Palacio Real, e em que S. M. o sr. D. Manoel, creança ainda envolto nos crepes da sua orfandade, pedia aos homens da politica que puzessem de lado as paixões para fazerem com ele uma obra nacional!!! Isso não!...

Bem sabemos que esta nossa maneira de pensar não agrada a muitos, mas nem por isso deixaremos de a manifestar, de a expender, sem embargo de todas as oposições que lhe façam.

Perante o descalabro republicano os erros da monarquia atingem, sem duvida, as proporções de virtudes; mas para que a Monarquia seja o que deve ser, é necessario que nem esses erros se dêem impunes, nem sequer que, por equilibrio de cifras em combinações orçamentaes, se torne possivel encontrar falcatruas ou roubalheiras.

Funcionalismo publico apenas o indispensavel para os serviços; mas que seja competente, trabalhador e bem remunerado. E' necessario que as reparticões publicas deixem de ser creches onde se mantem ociosos e incompetentes, assim como é necessario que todos os logares sejam providos por concurso.

Reformar, emfim, de «fond en comble» esta sociedade tão desorganizada, tão anarquizada, tão setenta e oito, de liberdade e de ordem, que sempre chegou a compreender ao cabo de duríssima experiencia que um seculo que atravessaram do seu caminho ideias dissolventes, que aliás se assaltaram a Europa durante esse seculo que foi, por assim dizer, o perido de embriaguez de toda a Humanidade.

Se estas nossas ideias constituem integralismo, integralistas somos; mas se para sermos integralistas é necessario ir mais além, então declaramos que, por agora, não achamos oportuno reivindicar nem desejar mais.

Ao correr da pena, sobre o joelho, ai fica a resposta que damos ao ilustre professor e nosso querido amigo que, com a sua pergunta nos deu ensejo de dizermos tambem aos nossos leitores, as ideias geraes da nossa maneira de ser politico e que condensaremos assim:

«A Monarquia, com um REI cheio de prestigio, dirigindo uma sociedade que se movimente com ORDEM, que se administre com HONRA, que acompanhe o Progresso, guiada com COMPETENCIA e que, para satisfação do seu espirito, tenha a sua RELIGIÃO.»

Pereira de Sousa.

Critica das letras

Resposta a um mau poeta despeitado

Muito sinceramente, *ab imo pectore*, me arrependo de tão benevolo ter sido para com o sr. Humberto Beça quando, ha semanas, é aqui nesta mesma secção, fiz a critica ao livro do mesmo sr. — *Excertos da Juventude*. E sinceramente me pesa porque, s. ex.ª em vez de reconhecer nas minhas palavras a boa vontade que eu tivera de o animrr, apontando-lhe o que de bom—e era tão pouco! e de mau—e era quasi tudo—havia no seu livro, entendeu que isto aqui tinha obrigação de ser apenas fabrica de elogios, botando porisso imediatamente contra mim e no jornal do Porto, *Voz Publica*, um artigo de legua e meia, muito cheio,—repleto mesmo, vá lá a verdade! — de coisas sem pés nem cabeça, e aonde me pretendeu provar que nenhuma rasão me assistia para lhe apontar os erros que apontei.

Só hoje me é possivel responder a esse amontoado de banalidades e pafacoadas: se o faço porem, e faltando ao compromisso que para comigo mesmo tomara de não responder ao que os outros dissessem da minha prosa, é porque o sr. Beça foi escolher exactamente, para inserir o seu artigalhaço, o jornal que tem a dirigilo alguem de cujas opiniões politicas discordo, mas cujo talento é coisa para mim de ha muito comprovada. Falto pois ao que a mim proprio prometera, não em homenagem ao sr. Beça que para mim nada representa senão um despeitado, mas sim por bastante consideração para com a pessoa á qual acima me reportei. Fique porem desde já estabelecido—e com vista aos poetastros verrineiros que fabriquem versos a metro e se lembrem de botar prosa esfuriada contra as minhas opiniões—que esta é a unica excepção aberta e que se não repetirá. E, posto isto, vamos lá a descascar a insulsa e inepta diatribe do sr. Humberto Beça na portuense *Voz Publica*...

A primeira afirmação gratuita do sr Beça é de que eu o insultei no meu pobre artigo. E' a maior de todas as pêtas que contra mim se poderia lançar e fica desde já o sr. Beça desmentido em publico e raso, a não ser que o s. ex.ª considere como um insulto o dizer-lhe eu que a sua obra se compunha de coisas quasi sempre sem valor algum, porque nesse caso desde já se fica sabendo que o sr. Beça considera as verdades como insultos. E nesse caso eu não sei qual lhe faça: apenas lho direi que não tomei cortadesta secção para nela tributar elogiose encomios áqueles que o não merecam. Demais a mais o sr. Beça tinha obrigação de se conhecer e de não enviar para este jornal o seu livreco desde que sabia como aqui se toma a sério a critica literaria. Se eu nem os proprios amigos poupo quando as suas produções se não recomendam, como demonio queria o sr. Humberto que eu fosse classificar de maravilhosa uma obra que por coisa alguma se lapunha? O senhor imagina que eu estou aqui para fazer o elogio de todo e qualquer *poetuccolo* que se lembre de botar cá para fóra um livro de rimas?

Se o sr. Beça soubesse lêr, bem teria notado já que, nesta secção, os proprios correligionarios apanham por tabela desde que o mereçam. E se não fosse ter as minhas desconfianças muito fundadas de que em materia de leitura o referido senhor ainda vai no segundo livro de João de Deus, aqui lhe recomendamos a leitura do que, nesta secção, disse a respeito dos srs. Cortez Pinto, João Maria Ferreira e varios outros... Pois olhe que são colegas meus de idéias politicos! Ora se não fosse o proposito que me anima de declarar com franqueza aquilo que penso, porventura diria mal de livros de correligionarios? O sr. Humberto seria capaz de proceder assim? Parece-me bem que não, a julgar pela maneira como o sr. dhor extende a verdade!

Tambem o sr. Bessa se permite classificar de incorreta a minha linguagem e vae até á extrema banalidade—pobre argumentação!—de a classificar propria da Mouraria... Mas essa afirmação não me ofende e a rasão é muito simples: é por vir donde vem! Eu poder-lhe-ia dizer que a sua maneira de falar equala a dos frequentadores da Viela da Neta, poder-lhe-ia afirmar que a ouvira já nas Travessas, ao celebre José Fistula, aquele personagem camilliano que, com grave escandalo dos bons costumes por lá arrastou uma mocidade cheia de forpes zangarreios de viola, cigarros brejeiros a enegrestarem-lhe os dentes, muitas doenças suspeitas no corpo desengonçado e lampejos de pomada barata no afudistado cabelo. Mas, isso seria uma banalidade, um chavão deploravel: ora eu, se me dá licença, confesso a minha extraordinaria aversão pela mentira, pelos lugares comuns, pelo fado e pela rabona. Como acamaradar pois com o sr. Beça? Além disso eu não frequento logares suspeitos; conheço-os de outiva e nem tanto seria para desejar: o sr. porém, pela segurança com que fala é que parece conhecer em extremo tão pouco recomendaveis logares...

...Mas tambem, se não fossem os gostos o que seria do amarelo?

Entrando propriamente no assunto que mais me interessa, dir-lhe-hei que não me importa absolutamente nada que, pessoas por certo ilustres, tenham dito bem das suas versalhadas, sr. Beça... A opinião benevola dos criticos a que v. ex.ª se refere, em nada poderia influir na minha, visto eu pensar como Alfredo de Musset que cada qual deve beber pelo seu proprio copo... Além disso, ha gente que, por uma extraordinaria bondade, é tudo quanto ha de mais passa-culpas: eu não me julgo obrigado a seguir esse exemplo, alfás o meu cargo seria perfeitamente dispensavel e inutil. Parece-me até que, se cá pelo jornal se entendesse que a critica consiste em dizer bem de quanta inutilidade aparece a exigir com ar importante a nossa opinião o melhor, seria encomendar a critica ao proprio autor. Talvez os carneiros de Panurgio sejam muito da predilecção do sr. Beça: por mim julgo-me autorisado a despreza-los. Ora, exactamente por isso é que digo, a respeito desta ou daquela obra, aquilo que me parece justo. E não me parece que para com o sr. Humberto eu tenha sido facciosa e atrabiliario. Senão vejâmos:

Disséra eu na minha apreciação ao seu livro que me parecia rasoavel a primeira poesia que lá vem, intitulada *Só para ti*: discordava porém dos seguintes versos

Só para ti meu verso em que palpitas
E eu vou gravando no teu colo nu...

pela muito atendivel razão de não vêr co-

Manifestação hostil

Contra a comissão administrativa de Loures

Por causa da carestia e má qualidade do pão, o povo de Loures, indo para junto do edificio da camara, onde fez uma manifestação hostil contra a comissão administrativa, á medida que cada um deles ia saindo do edificio, sendo agredido gravemente pelo povo um dos membros da comissão.

Os açambarcadores

A policia continuou hoje a apreender muitos generos alimenticios que teem sido conduzidos para o governo civil.

O sr. comandante da policia ordenou uma sindicancia aos actos do chefe da esquadra do Bairro Alto que é acusado de avisar certos açambarcadores no primeiro dia do varejo.

ATLAS
Companhia de Seguros
SEDE:—Rua do Crucifixo, 49

A greve

Ainda não foi solucionada a greve dos viarios do Sul e Sueste.

Livros e publicações

Previnem-se os srs. auctores e editores de que neste jornal só será feita a critica literaria ás obras de que sejam enviados **dois exemplares** á sua redação

Notas da Arcada

O sr. secretario de Estado do Comercio teve hoje uma larga conferencia com o Chefe do Estado, acerca da greve dos Camilhos de Ferro do Estado sobre a forma de a resolver o mais rapidamente possivel, devendo hoje o mesmo secretario de Estado ter uma outra com os delegados dos grevistas.

—E' positivo que o sr. Machado Santos se desliga do Partido Nacional Republicano e que vai fazer oposição ao governo.

—Volta a falar-se com muita insistencia numa proxima crise ministerial e que se vão fazer todos os esforços para que o sr. José Carlos da Maia volte a sobrecar a pasta da marinha.

—O cruzador Almirante Reis, deverá concluir a entrega do seu material até ao fim do corrente e não concluido os seus fabricos como alguns colegas noticiaram.

—Foram dadas as necessarias ordens para se apressar a construcção das canhoneiras que estão sendo feitas no arsenal e a conclusão das canhoneiras «Mandovy» e «Quanza», afim de serem empregadas nos serviços de fiscalisação, vigilancia e mesmo para reforçarem a marinha colonial em algumas das nossas colonias.

Para que todos leiam

Ontem a *Capital* insinuava em artigo de fundo que um dos deputados da maioria preguntaria na Camara, numa das primeiras sessões á minoria monarquica, como se *sexplicam e just ficam as conhecidas opiniões germanofilas dum dos deputados desse grupo, o sr. Antonio Sardinha.*» Não é preciso o tal sr. deputado ter semelhante incomodo. Quando o nosso redactor-principal falar no Parlamento, será, antes de mais nada, para desfazer em poeira a lenda caluniosa do seu germanofilismo.

E até lá!

«A nossa politica»

Do nosso colega portuense *Patria* transcrevemos hoje em outro logar o seu editorial de terça-feira. Assinado pelo nome ilustre de Pereira de Sousa, a justiça que esse extraordinario artigo representa para o nosso esforço compensa-nos de muitas agressões inesperadas de quem, pela sua situação, devia ter mais em conta o que nós fazemos para se restaurar a essencia de aquilo que outros sem responsabilidades, nossas, tão eximios foram em desfazer.

As afirmações do denodado diario do norte são realmente as que nós com todo o calor da nossa mocidade e toda a fé da nossa convicção aqui, o poder de sacrificios de toda a especie, ha mais dum ano sustentamos, sem um desfalecimento, sem uma tibieza. E com que desvanecido orgulho,—mas orgulho legitimo, orgulho de soldado compreendido na sua missão nobilissima de servir—, nós não reclamos a definição que a *Patria* não hesita em dar do nosso movimento, chamando-lhe «a **unica escola** de monarquicos que ha em Portugal», e dispensando-nos palavras a este proposito que não nos é permitido ressaltar.

Ainda que pese a certos fantasmas do que não volta mais, desde a rapaziada da Guiza que vai ingressando quasi toda no *Integralismo*, aos elementos mais representativos da geração nova, acudidos dos mais diversos campos, a corrente acentua-se,—e acentua-se de maneira a sermos dentro de pouco uma verdadeira solução nacional.

Apanhando brilhantemente a linha da nossa aspiração, o espirito elevado de Pereira de Sousa aponta-nos comtudo, alguns exageros. Exageros, não. Antes intransigencia inabalavel, concedendo aos nossos principios essa formidavel unidade de *acção* com o *pensamento*, que tem sido o segredo de toda a victoria jacobina. O que é preciso é crear um misticismo monarquico, como ha um misticismo republicano. A outro fim não tende o que em nós se denuncia como violencia e rigidez dogmatica, quando não é senão a verdade de que estamos possuidos impondo se e não capitulando. A nossa obra não é uma obra de captação, mas uma obra de conquista.

Com este ligeiro reparo, vão para Pereira de Sousa e para a *Patria* as nossas homenagens de maior egradecimento e de mais viva camaradagem.

Lêr ámanhã: «Joséphin Péladan», cronica musical, por Luís de Freitas Branco.

A favor da Belgica

A instituição «Asiles des Soldats invalides Belges», com séde em Paris, é uma das mais simpaticas organisações, pelo seu fim benemerito e altruista, que depois da guerra se tem criado.

Por intermedio do Consulado da Bélgica em Lisboa, essa instituição acaba de distribuir pelas livrarias da capital um catalogo de obras sobre a guerra, cheias do mais palpitante interesse, cujo producto da venda se destina unicamente aos soldados invalidos da nobre e gloriosa Belgica.

O publico consultando esses catalogos poderá, alem de adquirir uma obra notavel, contribuir assim para minorar os sofrimentos do país martir, simbolo do dever e da honra, que todo o mundo admira e compadece.

Engano historico

Não foi bem a Monarquia que serviu o regalismo, um momento abraçado por Pombal. Mas ante a Maçonaria, que o infiltrou na Monarquia, precisamente por intermedio dos prelados que nos principios do seculo findo se desviaram dos ensinos contra-revolucionarios da Igreja, procurando pactuar com o seculo. Não vamos mais além neste inocente reparo a *Nemo* no seu artigo da *Ordem*,—*Verdades condentes*. E não vamos, porque, tendo tomado como mestre, é-nos muito duro agora significar-lhe que já o não podemos seguir no caminho por onde enveredou...

Quando será?

Como os papagaios que só sabem dizer o que lhes ensinam, aquele inimitavel redactor de tesoura que na *Ordem* está ganhando os creditos de jornalista, continúa a monologar automaticamente:—«*Isto* não se comenta! *Isto* não tem comentarios!» Ora se o excelentissimo senhor nos contasse os motivos porque é que não se comenta o que nós escrevemos, era maneira de nos dar o que nós ha muito ansiadamente esperamos:—meia duzia de palavras suas, sem a intervenção da tesoura.

Mr. Goffinet em Lisboa

De frack e monoculo, encontra-se de passagem em Lisboa a versão portuguesa de Mr. Goffinet, conhecido publicista belga. Vem apresentar ao Parlamento, segundo nos consta, uma remodelação inedita nos serviços do registo civil aduana entre os papeis daquele celebre F. Veloso que em tempos foi com a Maçonaria cumprimentar Junot a Sacavem.

Dr. Luiz d'Almeida Braga

Como hontem tinhamos noticiado, saiu para Braga este nosso camarada. A' estação foram-lhe dar um abraço de despedida os senhores conde de Castello Mendo, engenheiro Alberto Rego, dr. Julio de Mello e Mattos, dr. Xavier Cordeiro, dr. Hipolito Raposo, dr. Antonio Sardinha, Séves de Oliveira, etc., etc.

A Terra de Promissão

Diz *Nemo* na *Ordem* de que é ilustre director, que a geração nova não ha-de vêr ainda a terra da Promissão. Concordamos. Mas quem ainda menos a verá são os que por oportunismo politico, dizendo-se defensores da doutrina contra revolucionaria da Igreja, vão concertando alianças que nada honram a vêr se chegam lá mais depressa. Havemos de vê-los, porém, qualquer dia ficarem ofegantes a meio caminho, medindo então a enormidade do erro sem perdão que praticaram.

De França

REGRESSO A' PATRIA

Vindos de França, desembarcaram hoje no posto de desinfecção 760 repatriados, entre os quais se contam oficiais, sargentos, cabos e soldados.

Entre eles contam-se 6 mutilados, que recolheram ao Instituto de Santa Isabel, e 21 soldados, entre os quais se contam alguns sargentos e cabos condenados a pena maior.

Recolheram ao presidio da Trafaria.

A' chegada assistiram o sr. ministro da guerra e varios oficiais, madrinhas de guerra e varias senhoras da colonia inglesa que serviram capilé e refrescos aos soldados.

Tambem chegou hoje a urna que encerra os restos mortais do coronel sr. Ortiga Peres, que vai ser depositada na antiga capela de S. Roque, do Arsenal de Marinha, visto não poder seguir já para o Algarve, em consequencia da greve dos ferro-viarios do Sul e Sueste.